

500 ANOS DE BRASIL, 100 ANOS DE FUTEBOL GAÚCHO: CONSTRUÇÃO DA “PROVÍNCIA DE CHUTEIRAS”

Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

INTRODUÇÃO

Os 500 anos do descobrimento do Brasil ensejaram, por todo o País, uma série de eventos: desde aquelas comemorações oficiais mais ufanistas, até iniciativas que buscavam refletir sobre as mazelas que, por cinco séculos, afligiram as gentes brasileiras. Muitos temas atraíram as atenções de historiadores e cientistas sociais de maneira geral. Um assunto, no entanto, permaneceu em segundo plano, e talvez poucas coisas sejam tão identificadas com o Brasil: o futebol, que neste ano 2000 completa um século de existência oficial.

Apesar de sua importância, existe muito pouco interesse acadêmico por esse esporte, definido por Hobsbawn (1995, p.196-197) como um produto cultural “genuinamente universal”, apenas equiparado pelo *rock 'n' roll*. A pequena presença do futebol como objeto de estudo dos historiadores não é uma peculiaridade brasileira, como atesta Eduardo Galeano (1995, p.243): “Un vacío asombroso: la historia oficial ignora al fútbol. Los textos de historia contemporánea no lo mencionan, ni de paso, en países donde el fútbol há sido y sigue siendo un signo primordial de identidad colectiva”. No Brasil, que completa 500 anos, talvez poucas coisas sejam tão significativas para a construção de uma identidade nacional quanto o futebol:

O futebol é o ritual de maior substância da cultura popular brasileira, metáfora privilegiada das nossas estruturas básicas. Estu-

Cesar Augusto Barcellos Guazzelli é professor adjunto no Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Agradecimentos ao acadêmico José Fabiano Gregory Cardoso de Aguiar pelo levantamento das fontes primárias utilizadas neste trabalho.

dá-lo é abrir um leque inimaginável de possibilidades temáticas, de trabalho, de pesquisa e de conhecimento em torno da realidade brasileira. (Murad, 1996, p.16)

Mas se tornou-se um fenômeno genuinamente brasileiro, uma marca nacional reconhecida mundialmente, o futebol como fato social também permite que sejam observadas aquelas disjunções e fraturas que atravessam a idéia de nacionalidade e as precárias costuras que tentam amarrar esta identidade coletiva.

Em 19 de julho de 1900 – data oficializada pela Confederação Brasileira de Futebol como o Dia Nacional do Futebol – foi fundado o Sport Club Rio Grande, na cidade portuária de mesmo nome. Desta forma, o futebol mais antigo do País é o do Rio Grande do Sul. No entanto, poucas coisas revelam uma identidade tão especificamente regional e permitem que se manifeste o sentimento disseminado de desprestígio que, de tempos em tempos, sentem os rio-grandenses em relação ao conjunto nacional quanto o futebol. O futebol “gaúcho” reproduz, em grande medida, os problemas que atingem outros segmentos “gaúchos”.

Essa noção de inferioridade aparece com muita freqüência, tanto nas falas oficiais das autoridades rio-grandenses, independentemente de partidos ou tendências políticas, transmitindo a idéia de que o Rio Grande arca com um ônus desproporcional em relação aos demais estados, quanto nas manifestações dos setores privados, que dependem de insuomos, créditos, preços mínimos, alíquotas ou energia a baixo custo, assuntos estes definidos no centro do País. Tais clamores repercutem amplamente na população rio-grandense, mobilizada pelos políticos e pela *media* em função dos temas mais dispares.

Genericamente, é possível constatar a presença difusa de um discurso que se articula em torno de uma “crise”, de uma “identidade” e de uma “nostalgia”, elementos discursivos que não são colocados necessariamente nesta ordem, mas que, invariavelmente, se encontram imbricados.

A situação de “crise” é fundamental na conformação de um antagonismo entre o Rio Grande e seus interlocutores. As “crises”, que impedem o bem-estar geral e o aproveitamento integral das potencialidades da terra e dos seus habitantes, são normalmente atribuídas a motivos externos ao Rio Grande, gerados no âmbito dos que se aproveitam dele e não retribuem os benefícios alcançados, o que muitas vezes é diretamente associado ao Estado nacional, controlado por “eles”.

“Eles” são contrapostos a “nós”, o que exige a criação de uma “identidade” entre “nós”, possibilitando que crises específicas de setores lo-

calizados sejam vistas como “crises do Rio Grande”. Neste sentido, foi fundamental a associação de todos os rio-grandenses à imagem do “gaúcho”, com as devidas transformações que sofreu em quase dois séculos. De um significado inicial, em fins do século XVIII, de fora-da-lei e pária social, “gaúcho” passou a identificar os peões das estâncias e, mais tarde, mercê de um longo processo no qual foram fundamentais os intelectuais, praticamente todos os rio-grandenses passam a ser identificados como “gaúchos”. E essa identidade de “nós gaúchos” é posta em contradição a “eles”, que não são “gaúchos”.

A “nostalgia” remete a esse passado no qual o Rio Grande fez valer a sua força contra os inimigos fronteiriços e em favor de uma entidade magna, o reino português ou o Império do Brasil, resgatando-se um papel de proa – sempre em referência ao presente de “crise” – como defensor primeiro da própria nacionalidade. Na medida em que perde seu reconhecimento, motivando a “nostalgia”, esta é usada para mobilizar a “identidade” de todos para o combate da “crise”. E, neste discurso “nostálgico”, ressurgem afirmações passadas da província contra o centro do País, como a Guerra dos Farrapos, a Revolução de 30 – os cavalarianos atando os cavalos no obelisco do Rio de Janeiro – ou a Legalidade.

O futebol não fugiria a essas circunstâncias. Os futebolistas rio-grandenses têm, em geral, consciência de estarem em segundo plano em relação ao Rio de Janeiro e a São Paulo durante quase toda a história do futebol no Brasil. Mas essa conformidade não se estendia a “injustiças” cometidas nos grandes centros, prejudicando clubes regionais em certames nacionais, boicotando a presença de jogadores “gaúchos” na seleção brasileira ou desmerecendo as características próprias do futebol praticado na estremadura.

Em 17 de abril de 1972 houve um momento que concentrou todos esses sentimentos. A não convocação do atleta Everaldo Marques da Silva – único representante do Rio Grande do Sul no lendário escrete tricampeão mundial de 1970 – para a Taça da Independência ou Mini-Copa, um campeonato comemorativo do sesquicentenário do 7 de Setembro, motivou uma “crise”, com ampla repercussão entre futebolistas, políticos e imprensa. O ato da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) foi considerado ofensivo ao Rio Grande, e a solução encontrada para resolver o impasse foi um “tira-teima” entre a seleção brasileira e uma seleção “gaúcha”, jogo este que reuniu e construiu uma série de significados.

A “crise” gerada por ocasião da Mini-Copa fez aflorar uma “identidade” rio-grandense, configurada num futebol “gaúcho”, específico dos pagos sulinos, diferente e não aceito pelos brasileiros em geral. Repro-

duzia-se o de sempre: negava-se o reconhecimento ao futebol “gaúcho”, analogamente ao não reconhecimento dos “gaúchos” em outros campos e circunstâncias, pela existência de uma identidade regional que não podia confundir-se com uma nacional.

A “identidade” se associou à “nostalgia” na rememoração dos importantes serviços prestados pelo futebol “gaúcho” ao Brasil sempre que requisitado, repetindo-se aqui o que invariavelmente compõe o discurso de auto-exaltação na estremadura. O Rio Grande, fundador da pátria pelas lutas fronteiriças, foi também o berço do futebol; apesar disto, desde sempre esteve divorciado (ou em enfrentamento) do centro do País.

Assim, na seqüência deste texto, serão discutidas a “nostalgia”, a “identidade” e a “crise” que culminou no histórico jogo de 17 de junho, mais um episódio da rebeldia rio-grandense, talvez a única possível naqueles sombrios anos 70, quando mais se exercitou o aparelho repressivo da ditadura militar no Brasil.

A CONSTRUÇÃO DA “NOSTALGIA”

O Rio Grande do Sul tem o clube de futebol mais antigo fundado no Brasil,¹ e o esporte difundiu-se precocemente por todo o Estado. Até os anos 70,² no entanto, o histórico dos jogadores “gaúchos” no cenário futebolístico nacional – em especial na seleção brasileira – refletia a importância secundária que tinha o futebol do Rio Grande:

A maioria das unidades da federação não estava em condições de contribuir com jogadores de alto nível técnico para o Selecionado. Assim, o que acabou predominando foi a presença dos atletas dos grandes clubes do Rio e São Paulo. Este fato, no entanto, não deixava de refletir certas condições objetivas do desenvolvimento da sociedade brasileira, polarizada em torno dos grandes centros urbanos do país, que se encontravam no Sudeste. (Vogel, 1982, p.99)

De maneira geral, a pequena presença de rio-grandenses em selecionados brasileiros era atribuída à distância – logo, desconhecimento da realidade regional – dos centros mais importantes, reproduzindo um discurso político comum no Rio Grande. Essa opinião era reforçada quando jogadores transferidos para Rio e São Paulo recebiam oportunidades que até então haviam sido negadas.

Apesar do Brasil disputar desde 1914 diversos torneios com seleções sul-americanas, o primeiro jogador “gaúcho” a ser convocado para um selecionado nacional foi Luiz Luz, do extinto Americano de Porto Alegre, quando da disputa da Copa do Mundo de 1934 na Itália. Luiz Luz foi titular nas duas partidas jogadas e perdidas pelo Brasil, contra Espanha e Iugoslávia.

Por uma década, jogadores atuando em clubes do Rio Grande do Sul estiveram ausentes de seleções nacionais. Sílvio Pirilo, formado no Sport Club Internacional, só depois de se transferir para o Clube de Regatas Flamengo, do Rio de Janeiro, jogou no selecionado que disputou o Campeonato Sul-Americano de 1942, em Montevideu. Apenas em 1944, após sua afirmação no famoso “Rolo Compressor” do Internacional, Tesourinha seria convocado pela primeira vez, tendo, desde então, vestido por 23 vezes a camisa da seleção até 1950. Entre 1947 e 1950, Nena e Adãozinho, do mesmo clube, seriam chamados e disputariam algumas partidas pelo escrete brasileiro.

Em 1948, Tesourinha, tido como o mais importante jogador do Rio Grande do Sul, foi escolhido nacionalmente, na promoção “Melhor dos Craques”, como o maior jogador do Brasil. Pouco tempo depois, iria para o Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, compondo um famoso esquadrão conhecido como “Expresso da Vitória”, base da seleção que, em 1949, ganhou o Campeonato Sul-Americano, no qual eram hegemônicos os argentinos e uruguaios. Prenunciava-se a fabulosa equipe da Copa de 1950, e Tesourinha era tido como presença certa.

A Copa realizada no Brasil tinha a equipe anfitriã como franca favorita. Tesourinha, por estar lesionado, não foi convocado. Nena e Adãozinho foram relacionados, mas nunca atuaram como titulares. Havia ainda o “gaúcho” Juvenal, que há tempos se transferira para o Flamengo do Rio de Janeiro. O fracasso na partida final contra o Uruguai seria o grande trauma do futebol brasileiro, ferindo fundo a sua própria identidade, que só se recuperaria no campeonato mundial de 1958. Desta equipe campeã fez parte Oreco, jogador que atuou durante anos no Internacional, mas que então já era atleta do Sport Club Corinthians Paulista.

Em 1962, ano do bicampeonato, não houve jogadores “gaúchos”: o zagueiro Airton, do Grêmio, foi cortado ainda nos treinos. Já na atabalhoada convocação para a Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, foram chamados 44 atletas pela Confederação Brasileira de Desportos, numa forma de atender politicamente os interesses dos principais clubes. Nesta lista, apenas três jogadores não atuavam no eixo Rio-São Paulo, entre eles Alcindo, do Grêmio: afirmado nos treinamentos, permaneceu entre

os 22 que compuseram a seleção no Mundial, confundindo-se no fiasco geral da equipe brasileira.

Essa discreta participação de “gaúchos” nas seleções nacionais tinha como contrapartida algumas afirmações “gloriosas” do futebol rio-grandense. Em 1951, em pleno estádio Centenário, de Montevideu, o Internacional empatou com a mesma equipe uruguaia que havia sido campeã mundial no ano anterior, cumprindo, de alguma maneira, uma tarefa que a seleção do Brasil fora incapaz de realizar. As grandes epopéias, no entanto, estavam reservadas para selecionados “gaúchos”.

Em 1956, por ocasião do Campeonato Pan-Americano realizado no México, a Confederação Brasileira de Desportos fez-se representar por uma seleção rio-grandense, com base na segunda grande equipe da história do Internacional. Ganhando do Chile, Peru, México, Costa Rica, e arrancando um empate da poderosa Argentina, a representação “gaúcha” se impôs numa competição latino-americana, na qual argentinos e uruguaios sempre predominaram. A edição seguinte, em 1960, deu-se na Costa Rica, e, mais uma vez, o Brasil foi defendido por uma seleção “gaúcha”. Mesmo com uma campanha não tão brilhante, a equipe derrotou a Argentina, uma das poucas seleções que tinha vantagem nos confrontos diretos com selecionados brasileiros.

Em abril de 1966, durante os preparativos da seleção brasileira que iria ao Mundial da Inglaterra, novamente uma equipe “gaúcha” representou o Brasil na disputa com o Chile pela Taça Bernardo O’ Higgins, em Santiago. Com uma vitória e uma derrota, os “gaúchos” conquistaram o troféu; com o fracasso do selecionado nacional na Copa do Mundo, essa seria a única competição oficial ganha pelo Brasil nesse ano aziago.

No ano seguinte, após a primeira edição ampliada do Torneio Roberto Gomes Pedrosa, que seria o embrião do futuro Campeonato Nacional, foi convocada uma seleção para disputar a Taça Rio Branco com o Uruguai, em Montevideu. Dela fizeram parte – e iniciaram como titulares – quatro “gaúchos”: Alcindo, Everaldo e Volmir, do Grêmio, mais Sadi, do Internacional. Aparentemente, a visibilidade que um torneio de caráter nacional dava aos atletas locais prenunciava futuras convocações e maior presença na seleção.

Em 1966, além do fiasco brasileiro na Copa do Mundo, ocorreria outro fato relevante para o futebol nacional: depois de cinco anos de domínio absoluto pelo poderoso Santos Futebol Clube, de Pelé e companhia, o Cruzeiro Esporte Clube conquistava a Taça Brasil, um torneio que reunia os campeões estaduais. Revelando estrelas como Tostão, Piazza e Dirceu Lopes, o Cruzeiro ameaçava a hegemonia de Rio e São Paulo, e

os jogadores mineiros apareceriam, desde então, com frequência na seleção. Os rio-grandenses, por outro lado, viam Minas Gerais como “terceira força”, o que os fazia ainda mais distanciados dos principais centros futebolísticos do País.

A transformação do antigo Torneio Rio-São Paulo – ou Roberto Gomes Pedrosa –, que reunia os cinco principais clubes dos dois estados, numa fórmula que incluísse Cruzeiro e Atlético, de Minas Gerais, Grêmio e Internacional, do Rio Grande do Sul, e Ferroviário, do Paraná, foi o primeiro passo rumo a uma competição nacional, já mostrando na edição de 1967 que havia clubes fora do Rio e de São Paulo em condições de enfrentar os grandes do País. Na sua primeira participação no “Robertão”, o Internacional foi vice-campeão, enquanto o Grêmio saiu como quarto colocado. No “Robertão” de 1968, o Internacional repetiria o vice-campeonato.

Esse desempenho certamente influenciou na convocação de jogadores gaúchos desde então: Alberto, arqueiro do Grêmio, para dois jogos em 1968; o lateral Sadi, do Internacional, para cinco partidas no mesmo ano; o zagueiro Scala, do Internacional, que jogou alguns amistosos em 1968 e foi reserva do elenco que disputou as eliminatórias para o Mundial do México; e o principal deles, Everaldo, presença constante nas convocações de 1967 a 1972, até a “crise” da Mini-Copa.

No começo de 1969, o comando técnico da seleção brasileira foi entregue ao jornalista João Saldanha, nascido em Alegrete, mas vivendo desde muito tempo no Rio de Janeiro. Além da expectativa gerada pela presença de um treinador “gaúcho”, iniciava-se o governo Médici, não só o primeiro dos ditadores a valorizar o futebol é a seleção, mas que, além de tudo, se apresentava como “homem do campo” e “homem da fronteira”, logo, como um legítimo “gaúcho”.³

Essa circunstância, no entanto, não favoreceria a convocação de jogadores do Rio Grande do Sul: Everaldo e Scala foram chamados por Saldanha para as eliminatórias, mas sempre na condição de reservas; a intervenção de Médici na seleção foi pela convocação de Dario, do Clube Atlético Mineiro. A “vingança” aconteceria numa partida amistosa realizada em março de 1970 no estádio Beira-Rio, quando a seleção foi estrepitosamente vaiada ao ser derrotada pela Argentina, que estava eliminada do Mundial.

A seleção para a Copa do Mundo parecia pouco promissora para o futebol do Rio Grande do Sul: Scala, lesionado, deixara o elenco brasileiro; Everaldo, que amargara a reserva do veterano Rildo, do Santos, passou diretamente à suplência do novato Marco Antônio, do Fluminense.

se, sem emergir para uma titularidade que pareceria natural. No entanto, os fados do Mundial foram favoráveis: o jovem titular da lateral-esquerda sentiu o peso da responsabilidade, “amarelou” e foi substituído na undécima hora pelo jogador do Grêmio. Um desempenho discreto, porém eficiente, garantiu a Everaldo Marques da Silva o estatuto de herói do tricampeonato, com uma recepção em Porto Alegre como só tinha merecido a *Miss Universo* Ieda Maria Vargas em 1963, e uma estrela dourada desde então na bandeira gremista. O Rio Grande também participou da maior glória obtida pelo futebol brasileiro.

A “crise” de 1972 traria de volta todas essas lembranças: um Rio Grande sempre esquecido, jogado a um segundo plano do futebol brasileiro, e que, no entanto, sempre cumprira a sua parte quando lembrado. A afronta ao tricampeão Everaldo sobrepunha-se a avaliações mais objetivas sobre a fase que atravessava como futebolista e ganhava foros de ofensa a todos os rio-grandenses, num raro momento de união entre colorados e gremistas. Reconstituía-se uma “identidade” para o Rio Grande do Sul, justamente num momento em que o governo ditatorial tratava de moldar um Brasil de fantasia, unido, próspero e feliz, usando de muita propaganda e excessivas medidas repressivas.

A “identidade” construída

Já tornou-se um axioma do senso comum que o futebol no Rio Grande do Sul apresenta características próprias que o diferem do futebol do resto do País: mais virilidade que habilidade, mais força que malícia, mais entrechoque que negaça. As explicações para essa especificidade são basicamente duas: a) a população rio-grandense é predominantemente branca e forjada na dureza das intempéries sulinas, reproduzindo no jogador de futebol dos centros urbanos as qualidades atribuídas ao peão campeiro, o gaúcho; b) a vizinhança com os países do Prata, dotando os futebolistas de características “castelhanas” – tais como denodo, vigor e bravura –, tal como ocorrera com os gaúchos de antanho.

Parece haver aqui a construção de estereótipos – tanto do nacional quanto do regional – que correspondem a imagens reificadas de Brasil e de Rio Grande do Sul. Em relação a esse aspecto, afirma Arlei Damo (1999, p.95):

Em termos genéricos, o estilo do futebol gaúcho resulta da apropriação, por parte dos futebolistas – sejam eles torcedores, dirigentes, jogadores ou cronistas esportivos –, de um discurso preestabelecido de culto às tradições. Tais discursos, que colocam o Rio Grande do Sul numa posição diferenciada em relação às demais

unidades federativas, e até mesmo em relação ao Brasil, resgatam certos aspectos constitutivos da identidade social dos rio-grandenses do sul, “esquecendo-se” de outros tantos a partir dos quais a suposta disjunção desapareceria.

A hipótese de que a “identidade” do futebol “gaúcho” foi construída discursivamente implica o exame daquelas explicações dadas aprioristicamente para a especificidade rio-grandense.

Se o “futebol-arte” – aquele no qual a técnica, a individualidade e a malícia se sobressaem – é uma condição primeira dos times brasileiros, “e quem, tendo visto a seleção brasileira em seus dias de glória, negará sua pretensão à condição de arte?” (Hobsbawm, 1995, p.197), os rio-grandenses teriam aqui uma distinção fundamental deste modelo, assemelhando-se mais ao paradigma europeu. Com uma população mais europeia, pratica-se no sul um “futebol-força” também europeizado, de cadeiras mais duras, mais “branco”, diferente do “futebol-arte” brasileiro, que tem “ginga, imprevisibilidade, improvisação, picardia, habilidade, rebeldia, malandragem, liberdade, criatividade, arte” (Murad, 1996, p.100), correspondendo a uma cultura marcada pela influência dos negros:

Elementos da invenção artística, a liberdade, a espontaneidade e a criatividade são características definidoras da estética do futebol brasileiro. Uma arte popular marcada pelo talento, pela magia, pela improvisação. Numa palavra, a estética da sinuosidade, como sinuosa é a música de Villa-Lobos, o choro de Pixinguinha, o cinema de Glauber ou a arquitetura de Niemeyer. (Murad, p.20)

O autor assume os mesmos estereótipos que definem o futebol brasileiro, reproduzindo os lugares-comuns atribuídos aos brasileiros em geral. Essa imagem de malícia e refinamento é incompatível com o que foi, ao longo do tempo, construído como o “gaúcho” rio-grandense, e estendido aos futebolistas. O futebol mais antigo do País seria o menos brasileiro, reproduzindo a idéia de um Estado também menos brasileiro!

Depois da fundação, em 1900, do Sport Club Rio Grande, ainda na primeira década do século, muitos outros clubes foram criados: Sport Club 14 de Julho, de Livramento, em 1902; Grêmio de Football Porto-Alegrense e o Fussball Club Porto Alegre, em 1903; Sport Club Pelotas, em 1906; Sport Club São Paulo, de Rio Grande, em 1908; Sport Club Internacional, em 1909. Em 1919, quando foi disputado o primeiro título estadual, jogava-se futebol por todo o Rio Grande do Sul.

Todas essas agremiações foram inicialmente de elite, a exemplo daquelas no resto do País e nos países do Prata. Na imensa maioria dos casos brasileiros e platinos, os clubes de futebol surgiram por iniciativa de ingleses ou seus descendentes, refletindo a presença dos negócios britânicos por toda a orbe, como assinala Hobsbawm (1995, p.197):

O esporte que o mundo tornou seu foi o futebol de clubes, filho da presença global britânica, que introduziu times com nomes de empresas britânicas ou compostos de expatriados britânicos (como o São Paulo Atlético Club) do gelo polar ao Equador. Este jogo simples e elegante, não perturbado por regras e/ou equipamentos complexos, e que podia ser praticado em qualquer espaço aberto mais ou menos plano do tamanho exigido, abriu caminho no mundo inteiramente por seus próprios méritos [...]

Uma especificidade no Rio Grande do Sul foi a inexpressiva presença inglesa – exceto por Santana do Livramento –, substituída por pessoas de origem germânica, portadoras de uma tradição – o *turnen* – na prática de esportes e de ginástica, que de início causara muito assombro aos demais moradores da província. Em Porto Alegre, até 1909, o futebol se resumia a uma disputa pela taça *Wanderpreiss*, entre o Grêmio e o Fussball, duas associações de alemães enriquecidos, bastante excludentes. A fundação do Internacional abriu espaço para portugueses, italianos e judeus (Ostermann, 1999, p.18-21), pertencentes a camadas médias ou altas da sociedade, estando distante, portanto, de ter uma origem popular.

Os trabalhadores, especialmente os negros, não tinham acesso a esses clubes, suas associações e competições, praticando futebol em agremiações próprias, que formavam a Liga Nacional de Football Portoalegrense, conhecida pejorativamente como Liga da “Canela Preta”. A absorção desses futebolistas foi tardia, como observa Gilmar de Jesus (1999, p.153):

Considerando-se que Porto Alegre é um dos mais antigos centros de prática do futebol no Brasil, é de se notar a lentidão local em permitir o acesso de negros na liga principal. É amplamente conhecido o caso do Grêmio FBPA, que apenas admitiu, pela primeira vez, um jogador negro em 1952 [...] O próprio SC Internacional, que desde os anos 40 tem a negritude como símbolo, somente iniciou a lenta e seleta incorporação de jogadores negros a partir dos anos 20.

De toda sorte, também no Rio de Janeiro e em São Paulo os clubes

de futebol não se abriram de imediato às camadas populares. Oficialmente, o primeiro clube a contar com negros em seus quadros foi o Vasco da Gama, em 1916. Há informações, no entanto, de que o Guarani Futebol Clube, de Bagé, já contaria com um jogador negro em 1914; já o Grêmio Esportivo Brasil, de Pelotas, ao conquistar o primeiro campeonato rio-grandense de futebol, em 1919, tinha um futebolista negro no seu time.

Mais que uma “identidade” europeia para o futebol do Rio Grande do Sul, parece ter havido uma diferença entre as inclinações dos clubes de futebol, que pode ser exemplificada nos dois grandes de Porto Alegre. O Internacional cresceu futebolisticamente com a absorção dos oriundos da Liga da “Canela Preta”, granjeando com isto uma multidão de adeptos que fê-lo um clube popular, clube de “negros”,⁴ capaz de montar o “Rolo Compressor”. Conjeturando sobre qual a maior equipe colorada de todos os tempos, Luis Fernando Verissimo escreveu:

Prefiro me perguntar para qual dos três eu torceria nesse hipotético torneio de fantasmas. Na certa, pelo velho Rolo Compressor. Mas talvez estivesse apenas torcendo por aquele guri que mal enxergava por cima da cerca branca e que via passar um negro de coxa colada, com a bola rente ao pé, e descobria seu primeiro herói brasileiro.⁵

Esta imagem de Tesourinha, simbolizando o Internacional de todos os tempos, corresponde ao padrão aceito para o futebol brasileiro, e não às características atribuídas ao futebol “gaúcho”. No interior do Estado, exemplo análogo foi o do Brasil, que absorveu a grande população de negros que trabalhavam nas charqueadas, ao contrário do elitizado rival Sport Club Pelotas.

Apesar do grande herói uruguaio do Maracanã, ter sido Obdulio Varela, que era mulato, o fracasso do futebol brasileiro perante o Uruguai no Mundial de 1950 veio a reforçar uma concepção racista de que as equipes brasileiras tornavam-se pusilânimes nos confrontos importantes devido à presença de negros:

Os pretos, principalmente Barbosa, Juvenal e Bigode se transformaram em bodes expiatórios do desastre. Tinha faltado “raça”. Para as grandes decisões não era possível contar com os pretos e mestiços. Na hora agá eles se acovardaram. Esta, em última análise, a nossa inferioridade como nação. A Copa de 50 reacendeu uma discussão que vinha dos tempos do Estado Novo – o problema das deficiências da “raça brasileira”. (Vogel, 1982, p.99)

Mesmo que o futebol uruguaio pouco devesse ao paradigma europeu, ressuscitava-se a superioridade européia, que se afirmaria no Mundial de 1954. O Grêmio, ainda nos anos 50, apresentava-se como um clube de elite, de “brancos”, e a tragédia do “futebol-arte” no Maracanã favorecia a recuperação da velha tradição do *turnen* do início do século, recriando um “futebol-força” vencedor. O treinador Osvaldo Rolla – antigo jogador e um atleta completo no seu tempo –, encantado com a disciplina, a obediência tática e o vigor dos futebolistas europeus, inaugurou um longo período em que o Grêmio, adotando um futebol baseado em preparação física, literalmente aplastou o “futebol-arte” do Internacional. Mesmo os jogadores negros que mais se destacaram no Grêmio dos anos 50 e 60 tinham como característica a força, casos de Juarez, Ortuño ou Alcindo, por exemplo.

A imagem dada ao futebol “gaúcho” corresponde, pois, a um modelo específico que, ao menos até fins dos anos 60, disse respeito ao Grêmio. A partir de 1969, os novos dirigentes do Internacional, que inauguravam a “era Beira-Rio”, procuraram dotar sua equipe daquelas qualidades de força que o Grêmio apresentava: para vencer campeonatos, era necessário enfrentar, no interior do Estado, adversários rudes, campos embarrados e torcidas furiosas, coisa muito difícil para jogadores muito técnicos, mas com pouco vigor. De qualquer forma, essa adoção de um estilo “gremista” pelo Internacional – o que lhe garantiria muito destaque na segunda metade dos 70 – ainda não se completara quando da “crise” de 1972.

Também as influências “castelhanas” nesse futebol mais viril são discutíveis. É certo que, em função da proximidade, houve mais precoce e intensamente um intercâmbio de jogadores de futebol com os clubes platinos, além de um número maior de disputas entre equipes rio-grandenses e uruguaias e argentinas.⁶ Se isto foi definidor para um padrão de jogo praticado no Rio Grande, esta presunção admite uma diferença básica daquele futebol “moleque” do Brasil em relação à eventual rudeza e rispidez dos vizinhos do Prata. Caberia, pois, verificar se esse estereótipo de uruguaio e argentino corresponde ao futebol que jogavam os vizinhos “castelhanos”.

Pioneiros na escalação de jogadores negros – ou “africanos”, como reclamariam os chilenos em 1916 (Galeano, 1995, p.42) – em sua seleção, os uruguaio também surpreenderam o mundo inteiro com uma equipe altamente técnica, vencedora das Olimpíadas de 1924 e 1928, depois promotora e campeã da primeira Copa do Mundo em 1930. Desse time, responsável pela mística da “celeste olímpica”, o principal jogador era

José Leandro Andrade: “Fue sudamericano, negro y pobre, el primer ídolo internacional del fútbol” (p.53). Atribui-se a esse escrete aquelas mesmas características que usualmente definem o futebol brasileiro:

El ascenso se había iniciado con anterioridad: en los Juegos Olímpicos de París 1924, Uruguay sorprendía al mundo futbolístico. Demostraba un juego de gambeta y toque corto, en las antipodas del sistema de fuerza atlética y pases largos del europeo. Amsterdam 28 fue la confirmación, el empujón final para llegar a la cima en el Mundial. (Ferraro, 1998, p.21)

Para Eduardo Galeano, o futebol uruguaio – e sul-americano em geral – desenvolvera tais qualidades como uma forma eficaz de enfrentar os mais poderosos: a malícia e a técnica contra a organização e a força física, valorizando sobremaneira a presença dos negros em clubes e selecionados. A perda dessas características ao longo do tempo seria uma consequência da penetração do capitalismo nas relações sociais específicas ao mundo futebolístico, corrompendo a “arte” que o caracterizara:

La historia del fútbol es un triste viaje del placer al deber. A medida que el deporte se ha hecho industria, há ido desterrando la belleza que nace de la alegría de jugar porque sí. En este mundo del fin de siglo, el fútbol profesional condena lo que es inútil, y es inútil lo que no es rentable. (Galeano, 1995, p.2)

Assim, a rudeza, que nos últimos tempos aparece como uma marca dos uruguaiois, resulta da dependência crescente dos países do Terceiro Mundo, condenados a fornecer aos grandes quadros europeus seus melhores atletas.

A famosa vitória uruguaia na final da Copa do Mundo de 1950 contra o Brasil, em pleno Maracanã, contribuiu muito na construção de um imaginário acerca de uma fabulosa equipe, a brasileira, derrotada pela força de vontade de denodados, mas medíocres, orientais. Por certo, não eram os orientais jogadores tão sofríveis, mas a derrota propiciou aquela queda na auto-estima nacional que Nelson Rodrigues (citado em Damo, 1999, p.92) chamava “nosso espetacular vira-latismo”. Galeano (1995, p.205), no entanto, adverte que “la garra charrúa era el nombre de la valentía, no de las patadas”, resgatando para o futebol uruguaio a influência dos negros, irmanado, portanto, com o brasileiro, sem qualquer semelhança com o “futebol-força” europeu.

De forma análoga, também os argentinos reivindicam um passado de futebol técnico, malicioso e pícaro, correspondendo mais ao modelo construído para o Brasil e negando aquele “futebol-força”. Também aqui a profissionalização transformou o *fútbol de potrero* espontâneo numa busca por eficiência e resultados objetivos:

¿Cómo no comprender entonces todo lo que se pone en juego hoy en las Copas Mundiales? ¿Y cómo no comprender que cuanto más hay en juego paradójicamente menos se juega? ‘El fútbol – decía convencido el mítico Dante Panzeri en 1974 – jamás podrá ser un trabajo, puesto que es artesanía del atrevimiento, no del cálculo. Panzeri lo escribía al recordar los gloriosos años 40, según muchos, aquellos en los que se vio mejor fútbol en las canchas de Argentina. Pero no puede haber tradición sin triunfos. Y aquél fútbol-arte fue perdiendo espacio ante outro juego, más utilitário, físico y vertebral. (Moore, 1998, p.8)

Evidência dessa nostalgia se fazia sentir ainda recentemente: a grande equipe do Estudantes, de La Plata, campeã da Copa Libertadores da América de 1968 a 1970, e do Mundial Interclubes em 1968, não era apreciado pelos *hinchas* argentinos devido ao estilo “europeu” que praticava, diferentemente das demais equipes.

Não parece ser, portanto, a “alma castelhana” a explicação para o futebol “gaúcho”. Ao que parece, a influência platina fez-se sentir indiretamente: enfrentamentos freqüentes e muitas vezes vantajosos com os clubes argentinos e uruguaios reforçaram a “identidade” do futebol “gaúcho”, ao contrário das demais equipes e selecionados brasileiros que historicamente tinham dificuldades, reproduzindo a mística das gentes da fronteira.

Mesmo se admitirmos que não existe um “futebol-força” ou um “futebol-arte” em estado puro, e que essas denominações são idealizadas, os estereótipos permaneceram. A seleção brasileira, que assombrara o mundo na Copa de 70, com seu futebol técnico e exuberante, teria que enfrentar o vigoroso futebol “gaúcho”, afrontado e motivado a afirmar a sua “identidade”.

A “CRISE” DO SESQUICENTENÁRIO

A vitória na Copa de 70 reforçou, como nunca, o ufanismo nacional, confundindo o sucesso da seleção com os projetos da ditadura mili-

tar. O futebol serviu para que Médici – o presidente nos anos mais sombrios da repressão – se tornasse o mais “popular” dos militares que ocuparam o poder após 1964:

O Campeonato Mundial de Futebol de 1970 teve um hino e um lema que eram, ambos, expressões da euforia nacionalista que acompanhou o “milagre brasileiro”. O hino era “Prá frente, Brasil”, de Miguel Gustavo. O slogan era de autoria do próprio Presidente da República e tinha surgido de uma exclamação – “Ninguém segura este país!” – recolhida nas tribunas de honra do Maracanã, por ocasião de um jogo do Selecionado brasileiro. (Vogel, 1982, p.110)

Nos dias que antecederam o Mundial, conscientes do impacto positivo que teria uma vitória brasileira para a ditadura, muitos militantes de esquerda esperavam um fracasso do time brasileiro: “O máximo do radicalismo crítico era torcer contra a Seleção, como uma forma de protestar contra o esquema repressivo que o Governo tinha acionado para conter os movimentos revolucionários cujo objetivo era derrubá-lo” (p.110). Torcer contra a seleção era uma atitude apátrida, contrária aos interesses nacionais e que vinha de encontro aos anseios da população que, uníssona, cantava “Todos juntos, prá frente Brasil...”. Não se discutia a legitimidade e a capacidade do futebol brasileiro, melhor do mundo e destinado a assim sê-lo perenemente.

A vibração pela conquista da Copa do Mundo também se estendeu ao Rio Grande do Sul, que contribuía com o atleta Everaldo, que não teve qualquer contestação, desde então, como titular da seleção. Em 1970 e 1971, o Brasil disputou oito partidas amistosas, todas elas tendo Everaldo na equipe principal, e, em duas delas, Claudiomiro, do Internacional, também atuou. Na Copa Rocca, jogada contra a Argentina em Buenos Aires, o Brasil conquistou o troféu de 1971 com dois empates nos quais atuaram os dois atletas “gaúchos”. Em 26 de abril de 1972, o Brasil enfrentou o Paraguai em partida amistosa no Beira-Rio, e Everaldo jogou como titular durante todo o tempo. Os pampas estavam em paz!

Aproveitando o clima favorável gerado pela Copa de 70, foi criada a Taça Independência – também chamada Mini-Copa –, para abrilhantar mais os festejos dos 150 anos da emancipação do Brasil. No escrete que disputaria o torneio, estava ausente Everaldo Marques da Silva, substituído por Rodrigues Neto, um jogador do Flamengo, nada excepcional. Everaldo, dono da posição desde o Mundial, sequer tinha sido mandado para a reserva, simplesmente não fora chamado! Mais, nenhum outro jo-

gador do Rio Grande do Sul constara da lista da CBD. Depois de uma lenta aproximação dos “gaúchos” com o futebol nacional, voltava-se à estaca zero, terreno propício para os discursos de “nostalgia”, “identidade” e “crise”.⁷

Pouco tempo antes, a Federação Gaúcha de Futebol (FGF) formara uma seleção de jogadores da dupla Gre-Nal para uma partida amistosa no Beira-Rio contra a seleção uruguaia, com vitória dos “gaúchos”. Essa demonstração de força do futebol rio-grandense inspirou o presidente da Federação, o folclórico Rubens Freire Hoffmeister, a fazer um repto à CBD, desafiando a seleção brasileira para uma partida com os “gaúchos”. Depois de muitas negociações, intermediadas por políticos e dirigentes, foi aceita a realização da partida. Em sua coluna De Alto a Baixo de 13 de junho, noticiava Antônio Carlos Porto: “Reviravolta total ao cair da noite. A Seleção do Brasil enfrentará o selecionado da dupla Gre-Nal! Sábado, no Gigante, dia 17. A sugestão da FGF ‘para lavar a honra’ foi aceita pela CBD e, inclusive, tem encampação oficial do R.G.S.”.⁸

Aparício Vianna e Silva – o Apa – foi escolhido como técnico: tinha largo passado como árbitro e treinador de futebol e, nessa ocasião, assinava uma coluna sobre esportes no jornal *Folha da Manhã*. Diplomáticamente, convocou onze jogadores de cada um dos grandes clubes da capital,⁹ deixando a escalação definitiva da equipe para o dia do jogo. O acerto entre CBD e FGF foi, no entanto, recebido com reservas pelos jornalistas esportivos, como escreveu Amaro Júnior, na sua coluna Tiro de Canto:

[...] Afinal a CBD resolveu aceitar o “desafio” da FGF marcando um jogo da seleção do Sr. Zagalo com o combinado do Sr. Aparício, Sábado que vem no Beira-Rio. Constituindo essa aceitação, segundo o Sr. Freire, uma “vitória nossa conseguida com diálogo e muita prudência”. O que quer dizer que aquela história de amarrar os cavalos no obelisco cebedense transformou-se num beijamão prudente. Todavia a “vitória” não foi total, pois a renda do jogo que tanto interessava para “lavar a honra do Rio Grande” não irá aumentar as arcas federacionistas já que o “nosso particular amigo João” condicionou sua realização à entrega da arrecadação financeira para as obras assistenciais do governador do estado. O Jean Marie [Havelange, presidente da CBD], como se vê, está muito cordato e até quer homenagear o público gaúcho, mas a mudança da sua atitude não foi ditada pela submissão do incon-

dicional “amigo”, mas, sim, pela grita da nossa imprensa protestando unanimemente contra o desrespeito que a CBD vem tendo com o futebol do Rio Grande do Sul [...]”¹⁰

Por sua parte, no mesmo dia, em sua coluna Olheiro, o comentarista Lauro Quadros fazia considerações sobre a situação de inferioridade em que estava o futebol do Rio Grande do Sul, fato que não seria redimido pelo desafio feito por Hoffmeister:

[...] joguemos contra o time de Zagallo, ganhemos dele se possível. Mas continuemos, dignamente, altivamente, a exigir que sejamos representados na seleção.

Porque, gente, aqui em Belo Horizonte, estou confirmando, mais do que nunca, aquela dura realidade, para nós melancólica: os mineiros nos passaram na cara, e estão nos bailando há horas. Em termos de seleção brasileira, não apenas eles participam com quatro (Vantuir, Piazza, Dario, Dirceu Lopes, sem contar Tostão) como exigem que os quatro sejam titulares. Estão noutra faixa. Enquanto isso, os pobrezinhos do Rio Grande do Sul estão dispostos a se contentar com um joguinho contra os bons, que grande significado terá mesmo é para nós, porque eles ainda que percam, não vão dar pelota e, muito menos, mudar de opinião a nosso respeito. E ainda se diz que houve vitória de Hoffmeister. O Rubens será um monstro no dia em que tivermos, pelo menos, número igual ao dos mineiros na seleção nacional. Por enquanto, não passamos do nível dos paranaenses, que choram o esquecimento de Pescuma e Tião Abatiá [...]”¹¹

Não se negava a superioridade de Rio e São Paulo; o que mais chamava a atenção era o desequilíbrio em relação a uma potência futebolística tida como equivalente, Minas Gerais. Aparentemente, eram esquecidas as conquistas da Taça Brasil, pelo Cruzeiro em 1967, e do recente Campeonato Brasileiro, pelo Atlético Mineiro em 1971. O Rio Grande rebaixava-se ao nível do futebol paranaense, quando deveria ter minimamente o prestígio dos mineiros. No dia seguinte, ainda escrevia Lauro Quadros:

Imaginem – e não é difícil – se a Comissão Técnica houvesse convocado dois jogadores gaúchos (Everaldo e Claudiomiro, por exemplo) para jogarem ao lado dos cariocas, paulistas e mineiros que integram a Seleção. Imaginem, agora, que, dentro deste quadro, Hoffmeister propusesse a Havelange um amistoso entre

os escretos gaúcho e brasileiro. Receberia, por certo, os maiores elogios pela iniciativa.

Tentem, por outro lado, lembrar o que realmente aconteceu (em futebol, também é importante ter boa memória). A Seleção foi convocada, nenhum gaúcho, a revolta de todos nós, e, quando se supunha uma atitude firme da Federação, levando-se em conta as primeiras reações de seu presidente, lá veio aquela infeliz nota oficial, declarando que um jogo do time brasileiro contra um combinado do Rio Grande do Sul seria a forma de contornar a situação.

Condenamos a saída da Federação por julgá-la imprópria, imperitine, fora de qualquer propósito. O que estávamos pretendendo, afinal, jogar contra a Seleção ou ter nela representantes gaúchos, por merecimento e justiça? Poderíamos, até, querer as duas coisas, não vejo incompatibilidade, mas jamais misturarmos uma com outra, estabelecendo uma alternativa pueril: ou nos convocam ou joguem conosco, para ver o que é bom [...] ¹²

Por outro lado, na imprensa local repercutia o menoscabo com que jornalistas do centro do País tratavam a gravidade da situação para o Rio Grande do Sul. Antônio Carlos Porto, em sua coluna De Alto a Baixo, reproduzia um áspero diálogo entre Daltro Menezes, treinador de futebol que, em passado recente, dirigira Internacional e Grêmio, e um repórter paulista não identificado:

[...] É verdade que gaúcho usa lenço no pescoço para esconder o papo? Resposta: É verdade, porque historicamente sempre fomos líderes neste país e por isto temos papo. Ou acham que são vocês que podem usar lenço para esconder o papo? Aí o rádio-repórter voltou à carga: “Ué, pensei que o líder fosse meu estado”. Não é, disse o entrevistado. Vocês só têm dinheiro. Sabe quem manda no dinheiro de vocês e em todo o Brasil? É o presidente Médici. Diz aí no microfone que tu não gosta dele e que ele usa lenço no pescoço para esconder o papo. Diz... ¹³

Na disputa por gabolice, o técnico rio-grandense apelara para o conterrâneo mais ilustre, o temido ditador Emílio Médici, que nem de longe pensara em interferir no conflito que se armava na província. O paulista usara a lógica: o futebol do centro do País se tornara hegemônico, porque estes estados o eram econômica e politicamente, coisa que nenhum dos diversos presidentes rio-grandenses tentara, ou sequer pensara, em

reverter favoravelmente aos pagos. No dia seguinte, o técnico da seleção brasileira, Mário Jorge Lobo Zagalo, maliciosamente tentou deslocar o antagonismo, questionando se um escrete formado por jogadores de Grêmio e Internacional era representativo de todo o Estado:

*[...] somente não entendo porque no sul se formam seleções só com gente do Internacional e do Grêmio, além de ser chamado um jornalista para dirigir o time. Eu não tenho nada contra ele, mas acho que é um desprestígio para a classe dos treinadores de futebol [...]*¹⁴

Procurando atrair as simpatias dos futebolistas do interior do Estado, que tinham pelos clubes grandes de Porto Alegre as mesmas restrições que estes tinham em relação aos do eixo Rio-São Paulo, Zagalo cometeu um erro grave: ao criticar o técnico Apa – ao que parece o recado se dirigia a João Saldanha, o jornalista que o antecederia no comando da seleção –, ignorava o sólido prestígio que o mesmo gozava no Rio Grande do Sul. Dois dias depois, ao chegar em Porto Alegre, Zagalo desmentiria a declaração: “Não é verdade que eu tivesse colocado alguma dúvida sobre a condição e capacidade de Aparício Vianna e Silva por ser jornalista. Eu considero isto uma grande maldade. Isto foi coisa de jornalista mau caráter”.¹⁵

Mas o mal já estava feito: além do desprezo ao jogador tricampeão, havia a dúvida sobre a legitimidade da seleção Gre-Nal e a capacidade do técnico da seleção “gaúcha”. Nilo Vaz, que, nesses dias, substituíra o próprio Aparício na coluna Recado do Apa, escreveu no dia 15 de junho:

*[...] Sobre o jogo com a seleção brasileira, a certeza de uma opinião plenamente definida: somos um país inimigo. Desde o momento em que o brasileiro Jean Marie negou nosso espírito de brasilidade, foi declarada a guerra. Não é isso, amizade? Pois, vamos ao jogo – nós torcedores, é bom esclarecer – com fúria. E nós queremos ganhar, não só para responder ao esquecimento da CBD, mas principalmente para justificar uma posição. E este jogo, seja qual for sua origem, é uma oportunidade que temos.*¹⁶

Revertia-se a situação: não era o Rio Grande que carecia de brasilidade ao desafiar e enfrentar a suprema representação nacional, mas a Confederação Brasileira de Desportos, através de seus dirigentes e principais funcionários, que negara a pertinência dos “gaúchos” aos seus quadros com o “esquecimento” do atleta Everaldo.

Comentava-se ainda sobre os temores de que os jogadores e demais componentes da seleção brasileira fossem objeto de hostilidades dentro e fora do campo. Em relação à eventual rispidez do futebol “gaúcho” no enfrentamento com o “futebol-arte” do time brasileiro, já escrevera Antônio Carlos Porto, no dia 13, com alguma ironia: “Um arranhão mais profundo numa das canelas tão preciosas da moçada da CBD poderá gerar, então sim, uma onda de que gaúcho ‘não tem sentimento de brasilidade’, como há pouco foi dito e que acabou fazendo nascer um mundo de protestos”¹⁷

Os jogadores convocados por Aparício negavam ânimos revanchistas, mas prometiam empenho na partida contra a seleção, como declarou Torino, meio-campo do Grêmio: “Vai ser um jogo e não um treinamento de compadre. Nós vamos dar tudo em matéria de futebol. Para mostrar para eles que aqui no sul também tem jogadores em condições de serem chamados para a seleção nacional que vai disputar a Minicopa”. No mesmo tom, o lateral gremista Espinosa falava em “jogo certo, duro mas leal. Podem ficar certos que não haverá, por nossa parte, um jogo de compadre. Vamos jogar para ganhar mesmo [...]”. Também o centroavante Claudiomiro, do Internacional, afirmava que “eles não vão nos ganhar aqui. Nós vamos para jogar mesmo, eles que não venham fazer treininho que aqui não vai ter [...]”.¹⁸ Na edição do dia da partida, o paulista Carbone, meio-campo colorado, fazia o mesmo discurso: “Podem os gaúchos terem a certeza de que não vai haver moleza mesmo. Vamos é jogar e não treinar. Não haverá brutalidade por parte de ninguém, pois tencionamos mostrar que temos futebol aqui no sul”.¹⁹

Independentemente da pertinência “clubística”, os jogadores “gaúchos” viam a partida, proposta pelos dirigentes como amistosa e de confraternização, com toda a seriedade profissional. Suspeitava-se fortemente, no entanto, que pudesse haver o tal “jogo de compadres”, a partir da postura tanto de Rubens Freire Hoffmeister, da FGF, quanto de Jean Marie Havelange, da CBD. Já insatisfeitos com o acordo firmado entre essas entidades, que não recuperava a afronta da não convocação de Everaldo ou qualquer outro jogador “gaúcho”, alguns jornalistas desconfiavam das relações tão estreitas que se restabeleceram entre os supremos mandatários, como foi o caso de Amaro Júnior:

Os últimos dias têm sido gozadíssimos em torno da “vitória” do Sr. Freire trazendo a Porto Alegre o quadro comandado pelo Sr. Zagalo para “lavar a alma gaúcha”. O homem anda rindo sozinho pelas ruas e corredores, como se fosse o próprio dono da bola

e do campinho, afirmando que “esse jogo é muito mais importante que a convocação de Everaldo”. Vejam só! Sempre falando ao telefone nas fotografias (com quem? será com seu “particular amigo”?) tendo do alto o quadro contendo a foto do Sr. Jean Marie protegendo sua cabeça. A nossa mais alta autoridade futebolisticamente, chegou a uma conclusão deveras luminosa, para não dizer totalmente lamentável: ameaçar os jogadores do combinado do Apa com total excomunhão se eles tiverem o topete de se empregarem a fundo contra os educados moços da chamada Seleção Brasileira, aliás anteontem terrivelmente vaiada em Belo Horizonte, coisa que nos trouxe o consolo de não sermos somente nós, os gaúchos, os que não têm noções de brasilidade [...]

*No reverso da moeda temos a palavra dos jogadores requisitados (do Grêmio e Internacional, os eternos explorados) falando de outra maneira. Para eles as ameaças do Sr. Freire não têm sentido. Irão ao campo dispostos a mostrar que aqui também se joga futebol e darão tudo para vencer a partida, a qual segundo afirma o próprio Aparício, não será “de compadres” [...]*²⁰

Não apenas fora abandonada a causa do tricampeão Everaldo, como Hoffmeister planejava uma traição no “tira-teima”, que seria o único consolo dos rio-grandenses. A referência ao jogo disputado no dia 13 de junho em Minas Gerais, contra o Hamburg S. V., da Alemanha, buscava uma semelhança com o clima criado no Rio Grande: dos quatro mineiros convocados, apenas Vantuir começou jogando, tendo os demais ingressado mais tarde, já em função das vaias. A indignação rio-grandense começava a fazer escola!

Por sua parte, tanto Hoffmeister como Havelange procuravam diminuir o impacto da “crise”: o primeiro, procurando capitalizar a imensa promoção que tivera o jogo, e o segundo eximindo-se de qualquer responsabilidade em relação ao corte de Everaldo. Assim, tratavam de convencer dirigentes da dupla Gre-Nal e políticos rio-grandenses das boas intenções das entidades máximas do futebol regional e nacional. Em sua crônica diária, carregava uma vez mais o comentarista esportivo Antônio Carlos Porto:

[...] Precisou o Dr. Paulo Marsiaj de Oliveira dizer que a crônica esportiva estava divulgando os sentimentos da opinião pública do Rio Grande do Sul, profundamente magoada. O culpado de tudo, segundo afirmação naquele momento do Dr. Paulo, era o Sr. Pre-

sidente da CBD que, agora, para minorar a situação, tratava o assunto com panos quentes. Tomando a defesa, o “particular amigo do João” disse que o Jean não sabia que Everaldo não tinha sido convocado. Ao que respondeu o presidente do Grêmio: “É mais uma prova do pouco caso para com o futebol gaúcho, ignorando até que um tricampeão do mundo fosse tratado da maneira com que foi o correto e exemplar jogador.” Isso aconteceu em pleno Palácio Piratini [...]”²¹

Ao espírito de revanche que se disseminava na estremadura, os homens da CBD, secundados pela imprensa esportiva de Rio e São Paulo, feriam a outra “marca” do futebol “gaúcho”: além de duro e violento, sua “identidade” era muito mais platina que brasileira. A presença de jogadores estrangeiros no combinado Gre-Nal o caracterizava como um escrete “sul-americano”; torcer para esse time, contra o Brasil, configuraria um gesto antipatriótico. Indagado sobre isso num “papinho” com Lauro Quadros, o esperto Apa respondeu, no Olheiro de 16 de junho:

– Você acha, Aparício, que certas declarações de Zagalo, a seu respeito, têm origem na sua grande amizade como João Saldanha e, especialmente, no fato de você ter sido observador técnico do João, antes do Mundial?

– Não. Acho que tudo não passa da conhecida malandragem de Copacabana.

– Alguns cronistas do centro do país dizem que a nossa equipe não é gaúcha, mas sulamericana, pela presença dos castelhanos.

– De fato, temos um estrangeiro no time, o chileno Figueroa. O uruguaio Anчета e o argentino Oberti são gaúchos dos pampas. Ou alguém desconhece que argentino e uruguaio também anda a cavalo? Chileno, não sei, é capaz de cair da cordilheira.²²

Apesar das farpas atiradas de parte a parte, os componentes da seleção brasileira confiavam no próprio prestígio de tricampeões mundiais, crendo que, na hora do espetáculo, aliviariam as tensões, e o maior futebol da Terra domaria os impulsos da torcida rio-grandense. Esta certeza manifestou o supervisor da delegação, Antônio do Passo, ao desembarcar em Porto Alegre: “Aliás, sobre os torcedores gaúchos, nós entendemos que será muito natural eles torcerem pela sua seleção, mas tenho certeza também, que irão aplaudir a Seleção Brasileira quando ela merecer”.²³ O zagueiro central Brito também tinha opinião parecida: “Eu

aguardava um clima diferente aqui no sul. Afinal os jornais falavam muito que os gaúchos estavam descontentes com a CBD. Agora estou vendo que não é nada disso [...]”.²⁴

Na edição de *Folha da Manhã* do dia decisivo, as opiniões predominantes eram no sentido de respeitarem a seleção brasileira, cujos atletas, além de não serem culpados pela situação de humilhação passada pelo futebol do Rio Grande do Sul, eram, na sua maior parte, componentes do esquadrão que conquistara o maior galardão de todos os tempos. No seu *De Alto a Baixo*, o comentarista Antônio Carlos Porto procurou fazer uma reflexão sobre os acontecimentos dos últimos dias:

[...] A pregação de guerra contra a CBD, especialmente à Comissão Técnica, pelo descaso ao futebol gaúcho, notadamente o tratamento indigno e mentiroso com que cercaram a desconvocação de Everaldo, foi um grito muito uníssono da Província. O eco foi mais violento que o episódio que acabou envolvendo o Presidente da CBD, em declarações que fizeram nascer manifestações do Governo do estado e dos Legislativos estadual e municipal. De repente tudo ficou diferente. Engolfados pelo “dia a dia” eis que, num repentino passe de mágica, as pessoas passaram a aceitar e a ver tão somente – em vez da estulta guerra – uma paz balofa. A ninguém é lícito, sob pena de graves responsabilidades, pregar uma rebelião e um mofado revanchismo sobre os moços que defendem o futebol tricampeão do mundo. Os jogadores, que nada têm com os outros acontecimentos, estão a nos merecer o maior carinho e fraternidade. Para os atletas, este é o sentimento da torcida gaúcha. Agora, de um momento para outro, aceitar que tudo está resolvido porque o dinheiro é para fins nobilitantes, é querer engordar a vaidade pessoal dos “cartolas” e alimentar as esperanças eleitoreiras de outros ainda mais “cartolas”, com ambições mundiais [...]”²⁵

As atitudes ridículas eram de responsabilidade dos dirigentes, que tinham suas vistas apontadas para outros interesses fora do futebol. Era difícil, no entanto, recuperar a palavra de ordem “pra frente, Brasil, salve a Seleção”, dos tempos da Copa do México. O sentimento de inferioridade, a soberba dos membros da comissão técnica da CBD, as desculpas esfarrapadas de Havelange, mais a emulação que vinha das declarações de Aparício Vianna e Silva e dos jogadores “gaúchos” lotaram o Beira-Rio de torcedores dispostos a apoiar tão-somente a equipe local. “Sabem o que é? O estado inteiro em torno de uma mesma equipe, os gaú-

chos magoados pela marginalização, a oportunidade de lavar a alma, o ressentimento, a raiva, o entusiasmo, a hora e a vez [...]”,²⁶ escrevia Lauro Quadros, em 17 de junho de 1972.

Caberia ressaltar alguns fatos que ocorreram durante a partida.²⁷ O estádio Beira-Rio recebeu o maior público de sua história, ao redor de 110 mil pessoas, deixando para os cofres beneficentes uma renda de Cr\$612.126,00. Quase todas elas – numa inédita união de colorados e gremistas – revelaram-se entusiasmados torcedores do selecionado “gaúcho”. Houve excessos cometidos contra catarinenses que tinham-se deslocado para prestigiar a equipe nacional, incluindo a queima de algumas bandeiras do Brasil, notícias que obviamente a censura não permitiu que a imprensa divulgasse.

Na preliminar, apresentou-se a seleção de amadores que se preparava para representar o Brasil nas Olimpíadas de Munique, em agosto do mesmo ano, enfrentando o mesmo Hamburg S.V., que tanto trabalho dera aos atletas principais em Belo Horizonte. Os jovens jogadores, que contavam no seu elenco com os “gaúchos” Falcão, Manoel e Pedrinho, do Internacional, mais Bolívar, do Grêmio, foram muito aplaudidos na sua vitória de 4 x 1 sobre os alemães, não renunciando a tensão do jogo de fundo.

As equipes do Brasil e do Rio Grande do Sul entraram em campo formando duas alas, levando entre elas uma imensa bandeira brasileira. Vaias ensurdecedoras acompanharam a entrada dos jogadores e se sobrepueram à execução do Hino Nacional. Depois de iniciada a partida, cada vez que algum jogador da seleção brasileira esteve de posse da bola, repetiram-se as vaias, e isto perdurou pelos noventa minutos de jogo. Atletas e membros da comissão técnica mostravam-se visivelmente tensos, como se realmente estivessem jogando no exterior.

E a seleção “gaúcha” havia prometido jogo para valer, não treino! Ainda no primeiro tempo, o apoiador Tovar abria a contagem favoravelmente aos locais; o empate só viria no início do segundo tempo, através de Jairzinho, que, em vez da vibração tradicional, mostrou a camisa para as arquibancadas, provocando mais vaias. A partir daí, viu-se uma partida invulgar, do ponto de vista técnico e emocional: Carbone colocou mais uma vez o combinado Gre-Nal em vantagem, e o Brasil mais uma vez empatou, através de Paulo César Lima; Claudiomiro marcaria o terceiro gol dos “gaúchos”, e Rivelino estabeleceria o placar definitivo de 3 x 3.

O Brasil formou com: Leão (Sérgio, na segunda etapa); Zé Maria, Brito, Vantuir e Marco Antônio; Clodoaldo, Piazza e Rivelino; Jairzinho, Leivinha e Paulo César. O combinado local se apresentou com: Schneider; Espinosa, Figueroa, Ancheta e Everaldo; Carbone, Tovar e Torino;

Valdomiro, Claudiomiro e Oberti (mais tarde, Mazinho). O chileno Figueroa, o uruguaio Ancheta, o argentino Oberti, o paulista Carbone e o catarinense Valdomiro tiveram atuação destacada, foram valorosos e desassombrados, dignos das melhores tradições “gaúchas”.

Depois da catarse, a ressaca, de ambos os lados. O empate realmente mostrara aos visitantes a injustiça cometida contra os da terra e impediria novos desmandos? Ou apenas servira para liberar uma raiva contida, incapaz de manifestar-se em outros canais? Luis Fernando Verissimo, numa crônica intitulada *Insensatez*, assim analisou o dia seguinte da tão esperada desforra:

*[...] Mas a questão não é essa, dirá o leitor mais afrontado. Mostramos ao Zagalo que o futebol gaúcho não pode ser desprezado. E eu respondo que não mostramos ao Zagalo nada e que o futebol gaúcho tanto pode que continua desprezado. O próprio jogo foi um gesto de desprezo. Vieram aqui nos acalmar, mandaram o circo para distrair os nativos, nos trataram – merecidamente – com a paternal condescendência que todo o provinciano recebe da corte, e pronto. O que vamos fazer agora, pedir revanche? O mal do protesto passional é que suas razões se extinguem quando termina a paixão. E todas as legítimas perguntas que se poderia fazer sobre os critérios de convocação e as contradições do Zagalo serão, de agora em diante, anticlimáticas. O clímax foi o jogo de sábado. A província teve o seu dia de circo, agora que se acalme [...]*²⁸

Por outro lado, as gentes da seleção brasileira não esconderam a perplexidade ante tamanha rejeição dentro do próprio Brasil. Além disso, o empate com um combinado de jogadores de dois clubes ainda não afirmados com títulos nacionais, se não punha em xeque a imagem superlativa que a seleção tinha de si mesma, era um sinal de alerta, não para a previsível Taça da Independência, mas para o Mundial da Alemanha, que se avizinhava. Predominou, no entanto, o parecer de que, mais do que problemas de natureza futebolística, razões de ordem emocional tinham impedido o escrete de ministrar suas consagradas lições de futebol. Neste sentido, é expressiva a opinião de Luís Mendes, narrador para a Rede Brasileira de Televisão, logo após o encerramento do jogo:

[...] Achei uma atitude antidesportiva e antibrasileira do povo do Rio Grande do Sul, vaiar o selecionado brasileiro que afinal, trouxe-nos o tricampeonato mundial. A atitude de Jairzinho mostran-

*do a camisa para o público, depois do gol de empate, foi muito justa, pois ninguém teve consideração para com os nossos tricampeões que lutaram no México, em defesa das cores nacionais. Meus pêssames ao mundo esportivo gaúcho, pela atitude antipática em vaiar a Seleção. Não fosse os apupos dessa massa, o selecionado do Brasil teria ganho tranquilamente desse combinado sulamericano, que digo e repito, é fraquinho.*²⁹

O feitiço planejado por Hoffmeister virava-se contra ele mesmo: sem ter o reconhecimento que merecia seu futebol, o Rio Grande desafiara o poderoso Brasil para mostrar que seus jogadores eram dignos do escute nacional; ao cumprir com empenho o repto que tinham feito, os rio-grandenses, mais do que nunca, mostravam-se estranhos aos demais brasileiros.

Ocorreram as esperadas queixas de maus-tratos, que foram muito exageradas. Uma maçã atirada sobre o banco onde estavam os homens da CBD – um fato por demais corriqueiro em partidas de futebol – serviu para recrudescer aquela idéia estereotipada sobre o futebol “gaúcho”: agora, além de jogadores duros e violentos, havia uma torcida também violenta e anti-patriótica. O comentarista Lauro Quadros assim interpretou o que lhe parecia uma estratégia dos “cartolas” para justificar o empate:

*[...] Sentindo que iriam cair do cavalo, começaram a bolar uma saída. Qual? A hostilidade dos gaúchos. E começaram a torcer para serem apedrejados. Seria o pretexto, a salvação. A maçã (fruto do pecado), que acertou Antônio do Passo, ganhou outras formas e proporções: pedradas, garrafadas e não sei que mais. Foi o que disseram e escreveram os brasileiros do centro. Até – e principalmente – alguns cronistas de berço rio-grandense, puxa-sacos, fazedores de média [...]*³⁰

O desafio para resolver a “crise” não proporcionara, à primeira vista, qualquer melhora no reconhecimento pelos futebolistas do centro do País em relação aos rio-grandenses.

CONCLUSÃO

O futebol do Rio Grande do Sul se afirmaria com as conquistas dos seus clubes: o Grêmio, com três copas do Brasil, duas vezes Campeão Nacional, duas vezes Campeão da Libertadores da América e uma vez

Campeão Mundial Interclubes; o Internacional, com três campeonatos nacionais, uma Copa do Brasil e, representando o Brasil, a medalha de prata dos Jogos Olímpicos de Los Angeles; e até o Esporte Clube Juventude, de Caxias do Sul, com uma Copa do Brasil. Isso, no entanto, não se refletiu num maior reconhecimento pelos especialistas em futebol do centro do País, ou num crescimento significativo da participação de “gaúchos” na seleção.

No Mundial de 1974, dirigidos pelo mesmo Zagalo, estiveram Paulo César Carpegiani e Valdomiro, sem muito destaque, numa campanha obscura da seleção. Na Copa de 1978, o representante “gaúcho” foi Batista, do Internacional; Falcão, maior jogador do mesmo clube, não foi chamado. Em 1982, na Copa da Espanha, Edvaldo, do Internacional, e Paulo Isidoro, do Grêmio, foram convocados, mas como suplentes. O segundo Mundial realizado no México, em 1986, teve o tumultuado corte de Renato Portaluppi, do Grêmio, último atleta a ser convocado para um Mundial jogando em clube rio-grandense.

Em 1990, na Itália, no selecionado que contou com maior número de “gaúchos” – se bem que a maioria deles já afastados dos clubes de origem –, o fracasso foi identificado com um deles, o apoiador Dunga, de estilo voluntarioso e pouca brilhatura técnica. Em 1994, o mesmo Dunga, mais Taffarel e Branco, seriam heróis do tetracampeonato, numa equipe de futebol objetivo e sério, que foi contestada por muitos esportistas como pouco representativa do “futebol-arte” brasileiro. Dunga, Taffarel e Emerson foram os “gaúchos” no Mundial perdido para a França em 1998, todos atuando fora do País.

As mágoas se referem a “injustiças” cometidas contra outros tantos jogadores, referidas, *a priori*, ao descaso com atletas e clubes do Rio Grande do Sul, mesmo nos momentos em que o futebol “gaúcho” se destacava. O caso de Falcão, em 1978, foi emblemático: não relacionado para a seleção, havia sido bicampeão brasileiro pelo Internacional, na grande equipe de 1975-1976, que contribuía apenas com o esforçado Batista. Mais tarde, Falcão assombraria o País – no Campeonato Nacional, mais uma vez vencido pelo Internacional em 1979 – e a Europa – conquistando o campeonato italiano para o Roma. Também o corte de Renato, por discutíveis motivos disciplinares – que não afetaram outros atletas do centro do País –, provocou reações inconformadas no Estado.

Mais que isso, paira a idéia de que mesmo as grandes equipes que se formam no Rio Grande são contestadas, não se reconhecendo nelas o estilo brasileiro. Ao Internacional, tricampeão nos anos 70, atribuía-se um inegável preparo físico, disciplina tática e conjunto, mas eram discu-

tidas as condições técnicas dos seus jogadores. O Grêmio, campeão da Libertadores e mundial, nunca foi festejado como uma equipe excepcional. Em especial o elenco gremista, ganhador de vários títulos nos anos 90 contra times tidos como imbatíveis no Rio e em São Paulo, era tido como a antítese do futebol brasileiro, fato de alguma forma incorporado pelos gremistas e rio-grandenses em geral (Damo, 1999, p.107). E essa equipe “gaúcha” era formada principalmente por jogadores de fora do Estado – Adilson, Dinho, Goiano, Jardel, Paulo Nunes –, além dos paraguaio Arce e Rivarola.

Por que, então, a “crise” deu-se especificamente em 1972, se as afrontas ao futebol “gaúcho” permanecem? Provavelmente pelo momento político que vivia o País, quando a ditadura militar impedia quaisquer manifestações políticas de desagrado com o regime, incluídas aqui as reivindicações de caráter regional. O Rio Grande tivera, onze anos antes, sua última grande demonstração política, na campanha da Legalidade, liderada pelo então governador Leonel Brizola, para assegurar a posse do vice-presidente João Goulart após a renúncia de Jânio Quadros. Desde o golpe de 1964, sucederam-se, no Estado, governadores nomeados pelo governo militar, obedientes e servis às determinações do Planalto, aceitando de bom grado os novos termos da política econômica que destinavam para o Rio Grande o papel de produtor de grãos para exportação.

As manifestações de “identidade” rio-grandense tinham que ser construídas noutros espaços que não os políticos. Não por acaso, simultaneamente à transformação das antigas propriedades pecuárias – gênese por excelência da mitologia do gaúcho – em imensas lavouras mecanizadas, houve, a partir da década de 1970, uma enorme revalorização do folclore, com festivais de música “nativa” brotando por todo o Rio Grande do Sul. O desaparecimento do gaúcho era acompanhado de uma incrível “nostalgia” desse gaúcho, dando “identidade” a uma população fundamentalmente urbana que tinha poucas semelhanças com o antigo modo de ser dos habitantes do campo.

O deslocamento dos eventuais antagonismos e descontentamentos para o futebol fazia sentido nessa conjuntura em que a noção de nacionalidade era transferida para uma seleção campeã, símbolo de todos os sucessos do “milagre brasileiro”, síntese das palavras de ordem ufanistas que identificavam o futuro aqui e agora. O Rio Grande, ao qual se negara o pertencer a essa pátria vencedora, ia, uma vez mais, para a guerra contra a corte, ali no terreno em que melhor se consolidava a imagem da nação. Contra a “pátria de chuteiras”, de Nelson Rodrigues, erguia-se a “província de chuteiras”!

NOTAS

1. A primeira partida de futebol no País foi disputada, em 14 de abril de 1895, por ingleses da São Paulo Railway contra os da Companhia de Gás e promovida pelo introdutor do esporte no Brasil, Charles Miller, ele próprio descendente de ingleses. Clubes que atualmente se dedicam ao futebol, como o Flamengo e o Vasco da Gama, são anteriores ao Rio Grande, mas, na época, dedicavam-se apenas às regatas.
2. As informações sobre jogadores e formações de selecionados brasileiros foram obtidas basicamente em três publicações: Lancellotti, Sílvio (edição e texto). *Espanha 82. O Brasil e as copas do Mundo*. São Paulo: Edições IstóÉ, 1982; *Placar*. 72 anos da seleção brasileira. São Paulo: Ed. Abril, 1986; Klein, Marco Aurélio e Audinino, Sergio Alfredo. *O almanaque do futebol brasileiro. 97/98*. São Paulo: Ed. Escala, 1998.
3. Pronunciamento de posse de Emílio Médici. *Zero Hora*. Porto Alegre, 30/10/1969, p.10.
4. Manifestações de cunho racista acontecem ainda em nossos dias. O estádio Beira-Rio, por exemplo, era chamado por alguns torcedores do Grêmio de “Planeta dos Macacos”.
5. *Placar*. As maiores torcidas do Brasil. Internacional. São Paulo: Abril, 1985, p.37.
6. O primeiro jogo de um time brasileiro contra um estrangeiro foi Rio Grande versus Estudantes, da Argentina. Bitencourt, Maria Luiza Falcetta. *Breve cronologia do futebol brasileiro. Uma conjunção futebol-arte*. Porto Alegre: mimeo., 1999, p.3.
7. Para o acompanhamento desta “crise”, foi escolhido o extinto jornal *Folha da Manhã*, da Companhia Jornalística Caldas Júnior, que, na época, reunia os principais jornalistas esportivos do Estado.
8. *Folha da Manhã*. Folha Esportiva. Porto Alegre, ano III, n.780, 13/6/1972, p.23.
9. Goleiros: Jair (G) e Schneider (I); laterais: Cláudio (I), Edson Madureira (I), Espinosa (G) e Everaldo (G); zagueiros: Ancheta (G), Beto (G), Figueroa (I) e Pontes (I); apoiadores: Carbone (I), Negreiros (G), Paulo César (I), Torino (G) e Tovar (I); atacantes: Braúlio (I), Claudiomiro (I), Mazinho (G), Mickey (G), Oberti (G) e Valdomiro (I) (*Folha da Manhã*, 13/6/1972, p.19).
10. *Folha da Manhã*, 13/6/1972, p.19.
11. *Folha da Manhã*, 13/6/1972, p.15.
12. *Folha da Manhã*, n.782, 14/6/1972, p.15.
13. *Folha da Manhã*, n.782, 14/6/1972, p.23.
14. *Folha da Manhã*, n.783, 15/6/1972, p.14.
15. *Folha da Manhã*, n.785, 17/6/1972, p.20.
16. *Folha da Manhã*, n.783, 15/6/1972, p.21.
17. *Folha da Manhã*, n.780, 13/6/1972, p.23.
18. *Folha da Manhã*, n.782, 14/6/1972, p.16-17.

19. *Folha da Manhã*, n.785, 17/6/1972, p.18.
20. *Folha da Manhã*, n.783, 15/6/1972, p.14.
21. *Folha da Manhã*, n.783, 15/6/1972, p.23.
22. *Folha da Manhã*, n.784, 16/6/1972, p.15.
23. *Folha da Manhã*, n.785, 17/6/1972, p.18.
24. *Folha da Manhã*, n.785, 17/6/1972, p.20.
25. *Folha da Manhã*, n.785, 17/6/1972, p.23.
26. *Folha da Manhã*, n.785, 17/6/1972, p.15.
27. *Folha da Manhã*, n.786, 19/6/1972, p.28. Alguns dados foram obtidos em *Placar*, 72 anos da seleção brasileira, São Paulo: Ed. Abril, 1986, p.67.
28. *Folha da Manhã*, n.786, 19/6/1972, p.4.
29. *Folha da Manhã*, n.786, 19/6/1972, p.28.
30. *Folha da Manhã*, n.786, 19/6/1972, p.21.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DAMO, Arlei Sander. Ah! Eu Sou Gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, n.23.
- FERRARO, Sergio. *Argentina en los mundiales*. Buenos Aires: Sudamericana, 1998.
- GALEANO, Eduardo. *El fútbol a sol y sombra*. Buenos Aires: Catálogos, 1995.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos. O breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O futebol da *Canela Preta*: o negro e a modernidade em Porto Alegre. *Anos 90*. Porto Alegre: PPG em História da UFRGS, n.11, julho de 1999.
- MOORES, Ezequiel Fernández. Prólogo. In: FERRARO, Sergio. *Argentina en los mundiales*. Buenos Aires: Sudamericana, 1998.
- MURAD, Maurício. *Dos pés à cabeça. Elementos básicos de sociologia do futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.
- OSTERMANN, Ruy Carlos. *Meu coração é vermelho*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
- VOGEL, Arno. O momento feliz – reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DA MATTA, Roberto; BAETA NEVES, Luiz Felipe; GUEDES, Jihoni Lahud e VOGEL, Arno. *O universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.